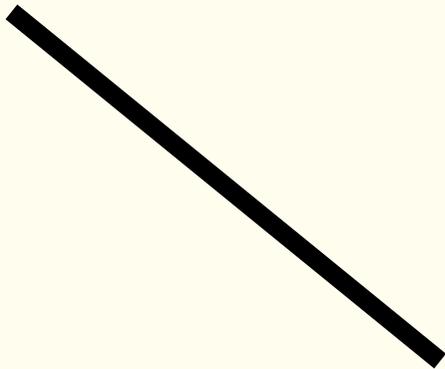


e s t h e r a z



**a memória
parada acerta
três vezes
ao dia**



A exposição *A memória parada acerta três vezes ao dia*, de Esther Az, foi selecionada para o Ciclo de Mostras BDMG Cultural em 2019 e somente agora, no primeiro trimestre de 2021, pode chegar ao público do BDMG Cultural.

2020 foi um ano de urgências e retrações que se arrastaram e fizeram nosso calendário derramar sobre 2021. Os números dos anos se renovaram, mas ainda estamos com restrições devido a pandemia do Covid-19 que tomou conta do planeta desde março de 2020.

Nesse contexto, os trabalhos em línguas diversas – pintura, desenho, objetos, bordados, vídeos e intervenções urbanas – propostos por Esther para esta mostra nos remetem a uma sensibilidade profunda sobre aquilo que constitui o tempo de viver e a história e a memória que construímos diariamente.

Todas as camadas, materialidades, sensações e registros que nos fazem ser e viver podem aqui ser percebidos com novas perspectivas e olhares inaugurais.

A memória parada acerta três vezes ao dia compõe o Ciclo 19/20, que teve início em novembro de 2019, percorrendo todo o ano de 2020. A seleção foi definida por uma comissão externa formada pelo artista visual Binho Barreto, o curador e designer Marconi Drummond e a professora da Escola de Arquitetura da UFMG e curadora Renata Marquez em edital de seleção pública para ocupação da Galeria de Arte BDMG.

Das 98 propostas inscritas, o grande denominador comum foi a reflexão sobre o tempo presente e todos seus desafios pulsantes. Relações com a natureza, com a diferença, com a cidade, com as imagens e com a materialidade do mundo – tudo isso como objeto das propostas artísticas.

Os artistas que caminham conosco nesse percurso são **Alexandre Júnior** e **Froiid** (exposição simultânea), **Esther Az** (exposição individual), **Eugênia França** (exposição individual), **Felipe Chemicatti** (exposição individual) e **Lamounier Lucas** (exposição individual).

O trabalho de Esther é talvez o que mais literalmente nos aponta a urgência sensível de mergulharmos em nós mesmos, como seres coletivos e tecedores de história e memória. Convidamos afetosamente para este mergulho.

Até o relógio parado acerta duas vezes ao dia. E a memória, aquela retida nos álbuns de fotografia e nos livros de história, acertaria quantas? Esther az, nesta exposição, nos traz o silêncio e o ruído desses acertos da memória em objetos, desenhos, bordados e vídeos que deslocam a ordem cotidiana para descobrir os processos intuitivos e os significados instáveis das coisas.

A memória de Esther é, aqui, afeto e paisagem inscritos em acontecimentos mínimos. É um copo que se quebra, mas não qualquer copo: é um objeto de afeto que, aos poucos, se torna outro a partir da recusa em jogá-lo fora; recusa frente ao ato comum de fazer desaparecer aquilo que na ordem das coisas (e do capital) já não tem serventia. O copo quebrado é colado, ganha leveza de asa (de cigarra), ganha fio e vira prumo que desenha ângulos obtusos. Ela, a artista, uma serve do caos, aceita a emergência dessas singularidades e abre mão do controle que marca nosso viver-capital que a tudo estipula valores.

A memória de Esther é também corpo cansado. Nos livros de história e no álbum de família – registros que a artista se interessa particularmente –, essa memória traz a marca do trabalho incessante: o labor daqueles corpos escravizados por quem queria permanecer quieto, em repouso; e dos corpos de seus familiares, que se negam a permanecer inertes em sua constante atividade de subsistência e provisão. O cansaço de Esther é também o contínuo vasculhar de sua própria história em busca de pistas apagadas pelos corpos quietos.

A memória cansada falha constantemente. Falha igualmente a perspectiva dos desenhos de Esther com seus cômodos sem teto e cadeiras sem assento. Seus bordados e crochês carregam o estigma dos trabalhos domésticos associados ao feminino, ininterruptos porém depreciados. E o feminino também falha, erra o ponto, entorta a linha. Não cumpre com o peso da expectativa que recai quase silenciosamente sobre seu labor; não serve ao heteropatriarcado.

Por fim, a memória de Esther é desconforto e repouso, farpa e acolhimento. É o espinho por baixo da almofada. É acalanto na falha, leveza na insegurança, uma escrita volúvel do mundo.

Juliana Gontijo
Curadora



BUSCO O PRUMO
ENTRE GRIFAR O
CANSAÇO E RECOMPOR
O ANIMO.



O BRASILEIRO NÃO
~~TEM MEMÓRIA~~
O BRASILEIRO NÃO
~~TEM PODIDO CANTAR~~
~~TODA SUA HISTÓRIA~~
O BRASILEIRO ESTÁ
OUVINDO SUAS HISTÓRIAS.



O ÁLBUM

MUITO CEDO ME
DERAM A PALAVRA
'FRÁGIL'

MAS EXISTE,
, ESSE ENGE-
NHO DO FRÁGIL
PARA ATRAVESSAR
MILÊNIO.

REPRODUZO . O
FAZER DAS MÃOS DELES
E CONSTATO QUE SIM,
A MEMÓRIA PARADA ACERTA



AS TORNEIRAS DA
CASA NÃO DEIXAM
ESQUECER QUE NOS
TRATADOS DO TEMPO
A ÁGUA
ESMORECE O FERRO.
 O SÓLIDO, ERETO,
RÍGIDO, O INTRANSIGENTE,
DESISTE QUANDO EXPOSTO
AO FRÁGIL. FRÁGIL.



J



BAIRRO OU PAISAGEM

INVESTIGO MINHA
CARA

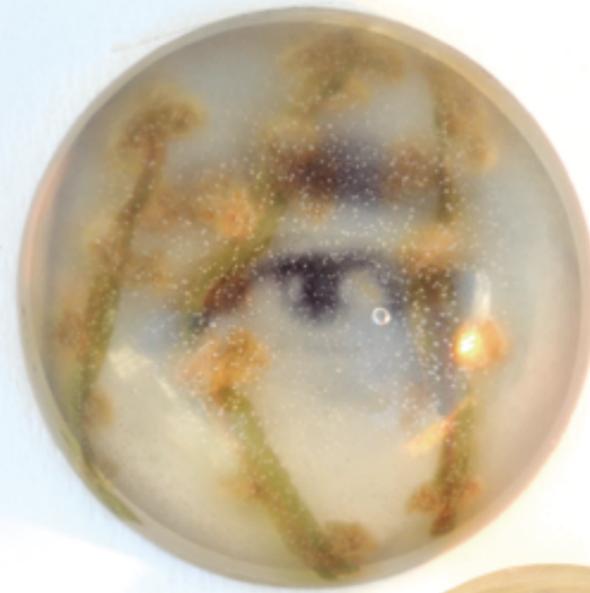
O BAIRRO FICA NO JOELHO
ESQUERDO DA CIDADE, SE DEITARMOS
SUA ~~CABEÇA~~ CABEÇA NO COLO
DO ARRUDAS.

É PROVÁVEL QUE, ANTES DO MEU
JOELHO VIRAR LOTEAMENTO, ANTES
DE NASCER AQUI A PALAVRA
'BALDIO', HAVIAM MACELAS DO
CAMPO BEBENDO RIACHO.

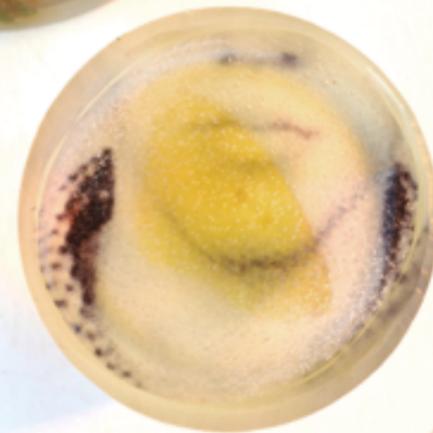
FAÇO UM CROCHÊ DE
LINHA COR DE MACELA.
ATRAVESSO O TALO DA
EMBAÛBA: ESPONJA DE
AMARRAR O CANTO
DOS PASSAROS NA
BOCA ROXA DOS
MENINOS ~~DA~~
DA ROÇA.

NA FISIONOMIA DO
CERRADO E SUAS TRANS-
IÇÕES ENCONTRO PARENTES-
COS VASTOS.

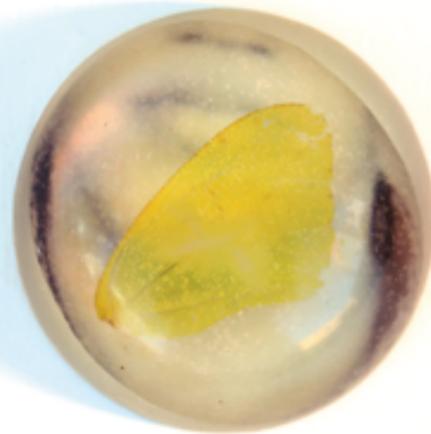
ME SIGNIFICA OS
GESTOS QUEBRA-
DIÇAS.



ÁRIDO MACIO
VELUDO DE ÁGUAS
PROFUNDAS



COLHER MACELA
PREPARA MEU CÉU
DO PEITO PARA
TRAVESSEIRO



NASCE DO CAOS A QUEDA.
O RUÍDO DE UM ACIDENTE
VARIA. MINHA REAÇÃO, NÃO.

CONTENHO A IRA, EMPURRO
A FÚRIA, RECOLHO OS CACOS.
DO APEGO, ~~DO~~ O CAMINHO
SE EXIBE = REMONTAR.
CADA FRAGMENTO EM SEU
ENCAIXE INSTAURA MINHA
SERVENTIA QUASE HIPNÓTICA.
UM PASSO CONVIDA AO
OUTRO. EU OBSERVO O ANDOR.
ENQUANTO O LEVO, O SOU.

UM ESPINHO DO
ÁLBUM DE FAMÍLIA
ARRANHA ENTRE
OS DEDOS





Meu nome é **Esther az**, sou artista visual e ilustradora, da cidade de Contagem – MG. Formei em Artes Visuais, integrei o coletivo Casa Camelo e, das mostras que participei, destaco a exposição individual ‘Má’ (Espaço Cultural Sesiminas) e a Residência Entre Nós (OÁ Galeria). Mas olha, antes da academia, bebi arte de outras fontes, e são elas as que se guem me saciando e revigorando: meus pais. João Batista e Dodora – ele mestre de obras, ela dona de casa – me ensinaram a fazer beleza e poesia com simplicidade e propriedade.

Passeio por diversas técnicas, e tenho tido o prazer de confundir as fronteiras inventadas entre elas. Uma busca me orienta em tudo: vontade de criar trabalhos permeáveis: que permitam a troca. No ateliê observo meus átomos, e deles sinto que posso contar histórias planetárias. Me aproximo estreito do que sinto-penso, e aquilo que puder me ser dito, eu recebo, traduzo, oferto. Faço assim, do afável meu molotov. Busco o prumo entre o veludo e a ferpa.

ficha técnica

BDMG Cultural

PRESIDENTE
Gabriela Moulin

DIRETORA FINANCEIRA
Clarissa Perna

COORDENADOR
ARTES VISUAIS
Érico Grossi

COORDENADORA
ACERVO
Larissa D’Arc

PROJETO GRÁFICO
Rafael Amato

DIAGRAMAÇÃO
Esther az e Rafael Amato

COMUNICAÇÃO
Paulo Proença

FOTOGRAFIA
Miğuel Aun e Esther az

TEXTO CURATORIAL
Juliana Gontijo

lista de obras

Em ordem de aparição no catálogo:

‘estandarte da certeza’

Tinta de parede, tecido, bordado, galho e desenho sobre vidro e caixa de madeira.
25 x 33 x 10 cm
2019

díptico ‘pequeno conto sobre a hierarquia em queda’

Tinta de parede, tinta acrílica, guache e anil sobre tela
15 x 15 cm (cada)
2020

sala de jantar a ira

Tinta de parede, tinta acrílica e anil sobre tela
20 x 30 cm
2020

bandeira ágil

Tecido, galho, folha, plástico e resina sobre lata
6,5 x 6,5 x 1 cm
2020

experimento de memória I: todas antes

de mim souberam costurar sozinhas
Camisa costurada à mão, feita de sacolas plásticas e botões de metal, pendurada em cabide de madeira
tamanho M
2020/2021

experimento de memória II: o canteiro de obras me semeia

Argila, pigmento xadrez líquido
dimensões variadas
2020

para fazer um arco é necessário abrir

Argila, pigmento xadrez líquido, palito de picolé e cola
9 x 9 x 9 cm
2020/2021

plano de saúde

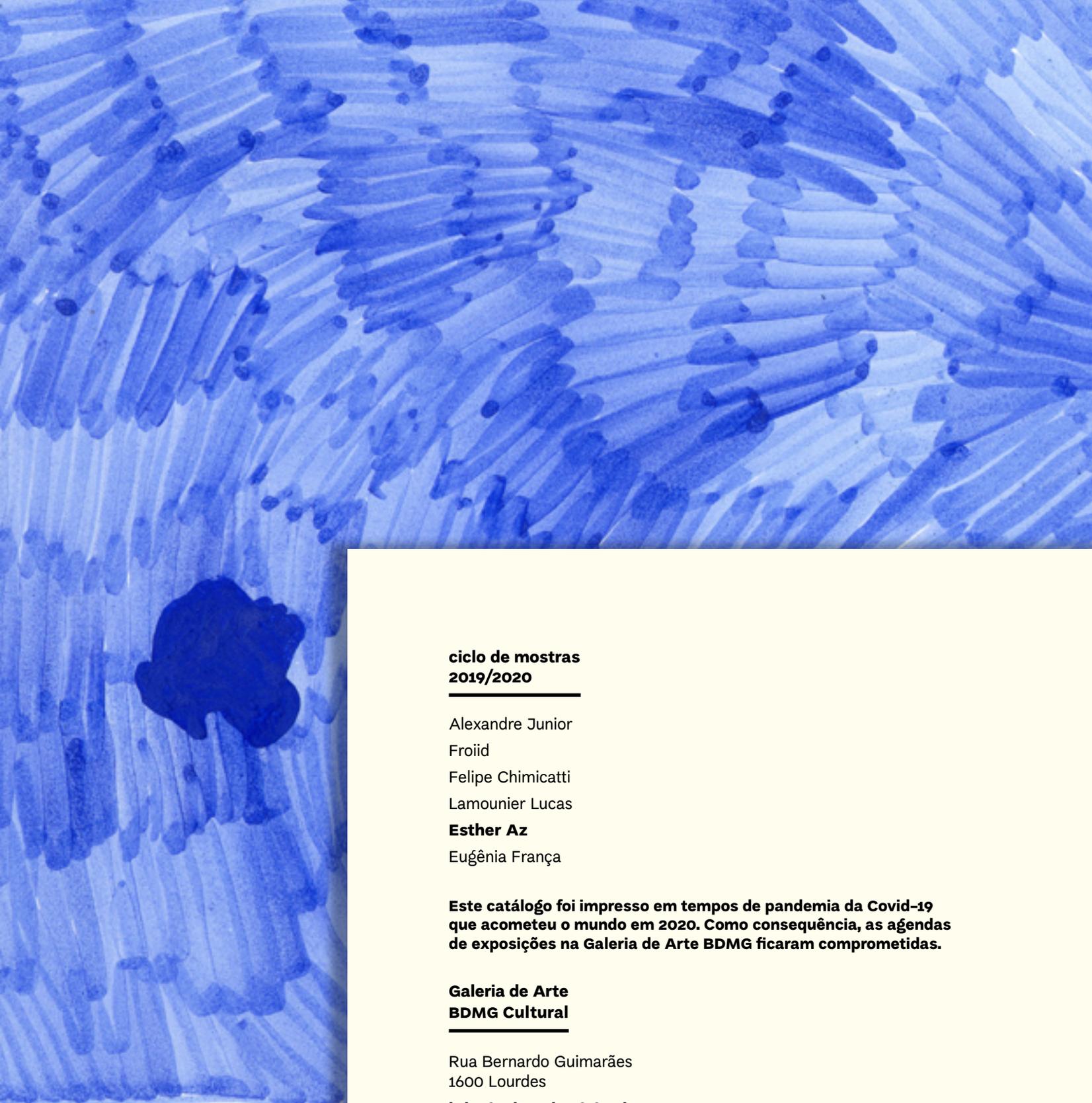
(Registros de parte do trabalho) Cartazes pintados à mão e fixados nas ruas
dimensões variáveis
2020/2021

investigo minha cara

Fotografia, plantas, insetos e resina
7 x 7 x 4 e 6,5 x 6,5 x 2,5 cm
2020/2021

prumo

Copo de cerâmica, asa de cigarra, resina, madeira e linha
41 x 4,5 x 4,5
2020



**ciclo de mostras
2019/2020**

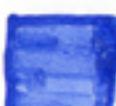
Alexandre Junior
Froid
Felipe Chemicatti
Lamounier Lucas
Esther Az
Euêgia França

Este catálogo foi impresso em tempos de pandemia da Covid-19 que acometeu o mundo em 2020. Como consequência, as agendas de exposições na Galeria de Arte BDMG ficaram comprometidas.

**Galeria de Arte
BDMG Cultural**

Rua Bernardo Guimarães
1600 Lourdes

bdmg cultural.mg.gov.br

 **ÁLBUM**
 **BAIRRO**
 **HISTÓRIA**
 **MEMÓRIA**



Lei de Incentivo à
CULTURA

PATROCÍNIO E PRODUÇÃO:

BDMG,  **BDMG**
CULTURAL

PARCERIA:

 **CIRCUITO
LIBERDADE**

 **iepha**
MINAS GERAIS

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE
ESTADO
EFICIENTE.

REALIZAÇÃO:

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO

 **PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL